

## SEGUNDO CADERNO

‘A maconha marcha, gente boa... Até na Argentina, México e Colômbia está descriminalizada. Os tabus vão sendo quebrados. Aqui, as marchas foram liberadas pelo STF, numa decisão muito louca: pode marchar, mas não pode fumar. Por que será que a maconha provoca tanta inquietação? Evangélicos marcham contra, xingam FHC pelo filme “Quebrando tabus”, *meirmão*, qual é a deles? É tanto auê, tanta onda por causa de uma mixaria dessas que eu tenho de alugar vocês sobre essa “parada”. É... já escrevi sobre esse lance aqui e repito: a maconha não é nada, ou quase nada. Não é uma droga que corrói o fígado como o álcool. Não mata como a cocaína, esse veneno de rato branco que você aspira, depois de malhada pelos afro-negões da favela; é erva natural, não tem o sangue jorrando atrás dela desde a Bolívia até os morros, nem precisa dos bujões de éter no meio da floresta. Não é como o ácido lisérgico que te faz ver uma grande gelatina na realidade, onde tudo se mexe como uma rumba azul. Por que então tanto medo? Está provado que a birita, o cigarro careta fazem muito mais mal que uma frágil *diamba*, um reles *bagulho*, um baseadinho inocente... Aliás, declaram cientistas e doidões, a maconha faz até bem para o coração de muitos ansiosos; era comprada em qualquer farmácia nos anos 30 com o nome de Cigarros Indianos, lindos pacotinhos com uma índia de cocar colorido, cigarros que acalmavam a angústia das senhoras antigas, combatiam a repressão, as “flores brancas”, as dismenorreias, as alvas enxaquecas, os desmaios histéricos, as dores desconhecidas, as insônias. A maconha, dizem os *manos*, é o remédio melhor para o glaucoma, e dizem que ela produz um *relaxo* legal nos músculos e uma tranquilidade que poucos calmantes te proporcionam. Muito médico acha que inúmeros remédios e panaceias poderiam advir do refino da mesma, para acalmar velhinhos em asilos, para tranquilizar agitados em suas camisas-de-força, ervinha que, uma vez fumada antes do ato sexual, provoca prazeres inauditos, podendo não só fazer com que ejaculadores precoces se segurem, quanto frígidas senhoras se soltem e uiuem nos laços de um polvo invisível e voltejante, numa teia de loucos estertores entre gritos operísticos.

ARNALDO JABOR

## Marchas caretas e marchas muito loucas

A descriminalização da maconha está nas bocas



Claudio Duarte

Isto, dizem alguns, não eu, claro, que sou um pobre diabo e nunca me aproximaria desta erva do demônio, desta “maria juana” temível. Contam alguns que o prazer sexual aumenta muito, já que a noção de tempo também se alonga, ficando tudo em câmera lenta, coisa desagradável se você está num túnel ou num engarrafamento de trânsito, mas que é delicioso não nos dois braços, mas nos cinco braços, ou nas cinco asas brancas de uma mulher amada e que o amor vira uma grande dança num paraíso e que mesmo os lençóis brancos semelham ondas do mar, dependendo da qualidade do *back*, que pode ser um “acapulco gold” ou mesmo um “da lata”, (oh!! as maravilhas

que contam daquelas latas lançadas por um navio muito louco nas águas da Guanabara em 1984 e que até hoje são lembradas por velhos *chincheiros*). Thomas de Quincey fumava, Baudelaire fumava, Rimbaud queimava altos haxixes em Aden... Em suma, gente boa, como eu dizia acima, dependendo da qualidade da “massa”, *nêgo* podia ficar curtindo horas seguidas, ajudado pelo Hendrix, Stones... tudo muito louco. Mas a razão deste raciocínio — não posso me perder, *meirmão* — é a seguinte transação: por que causa tanta raiva nos caretas? Todo mundo fala em “reacionário”, de “esquerda”, de “direita” e coisa e tal e os caretas? Onde ficam? Muito da nossa desgraça

política deve-se à caretece. Porque “careta” é o cara que vive com a cara torta, armando uma pose, fingindo que é democrata sem ser, fingindo que é honesto sendo ladrão. Os vícios se escondem atrás de uma “careta”, daí a origem da expressão... ah ah... tá ligado? Pega esses deputados e senadores aí, todos enforcados em gravatas e ternos escrotos, e me respondam: por que temem tanto a *diamba*, aquela turminha braba que depois da Câmara vai tudo encher a cara com uísque no Piantella, entre peruas, gargalhadas e conchavos, por que essa gangue tem tanto medo do fumo? A resposta é simples, cara... Diferentemente da coca, da birita e outros bichos, a maconha libera o filho da mãe. O sujeito queima o fumo e dá um *relaxo*. A vida fica mais democrática, gente boa; evolui-se uma nuvem azulada nos céus, como uma espécie de inconsciente artificial, e o mundo fica diferente, as obsessões perdem a valia, as culpas, os superegos diminuem, e some a sensação de que a vida é uma grande Câmara dos Deputados, onde nunca há quorum para aprovar nossos desejos! Ah!... Ah!... boa comparação... e a vida fica mais bela que o bigode do Sarney ah... ah... ou seja, a liberdade que ela provoca no sujeito é, digamos, *incompatível*, como é que se diz mesmo? in-com-pa-tível... ah... ah... essa palavra é muito louca, gente boa, a maconha é *incompatível* com a caretece necessária ao bom exercício da política. Me diz, me diz como um cara vai para a tribuna doidão para armar uma roubalheira? Como enfiar uma maracutaia numa MP com a cara cheia de um “paraguão com mel”, nem mesmo precisa um *skunk*, basta um “pernambuco light”... Já imaginaram o Congresso muito louco? O Pedro Simon desbundando e indo morar em Trancoso, cheio de fita no pescoço? O PC do B falando em “revolução interior”? Mas, que eu estava dizendo mesmo? Ah... lembrei... o seguinte: eu acho, numa boa mesmo, na moral, que as autoridades têm medo da maconha porque ela dá uma ilusão de liberdade. Por isso, estão com tanto medo de comida de passarinho... ééé... ééé... Os canários cantam melhor com as sementes de canabis... E a sensação de liberdade é, como eu já disse, *incompatível*... *incompatível*... sei lá, deixa pra lá... E tem mais... o seguinte... quer dizer... esqueci... é isso aí, gente boa... falei...

## Uma trajetória regional contemporânea

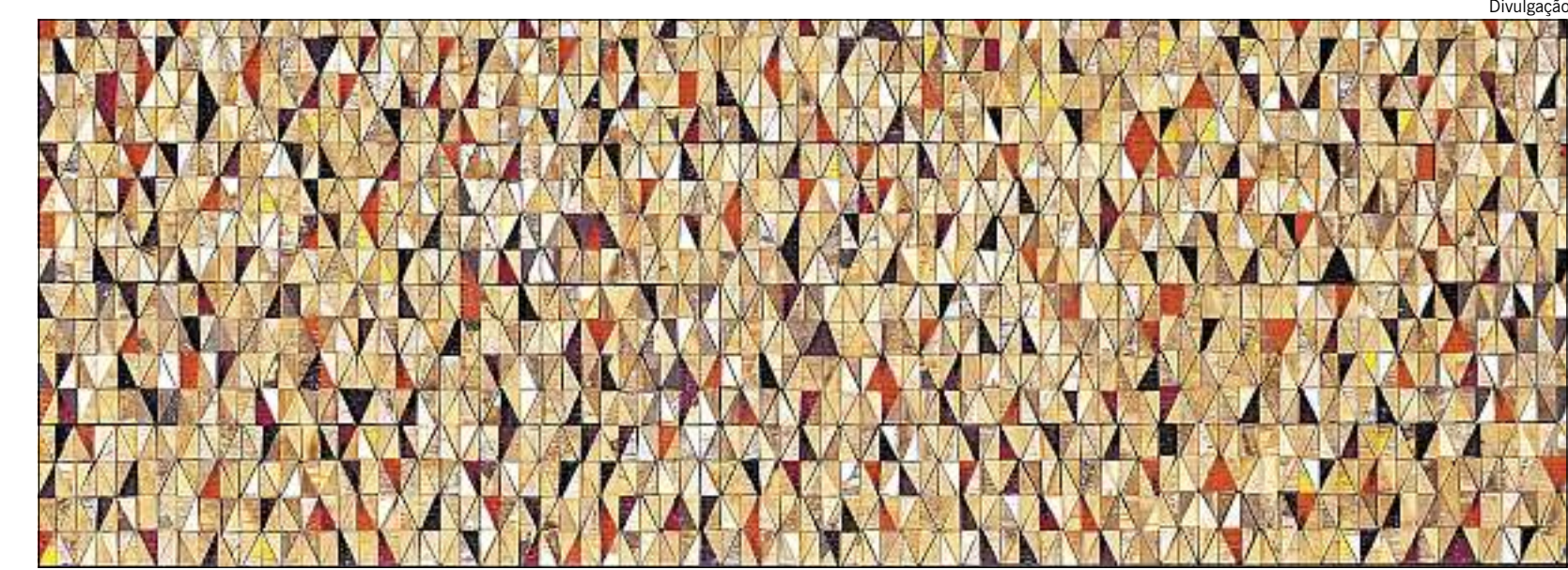
O mineiro Fernando Velloso, ex-Grupo Corpo, inaugura exposição hoje e lança livro comemorando seus 40 anos de carreira

Catharina Wrede

catharina.wrede@oglobo.com.br

Há três anos, quando o artista plástico mineiro Fernando Velloso decidiu se desligar do Grupo Corpo — companhia de dança da qual foi cenógrafo de 1989 a 1999 e coordenador de programação até 2008 — sua vida mudou. Acostumado a ficar em turnê pelo mundo todo, ele sentiu a necessidade de se afastar para poder se concentrar em seu trabalho como artista. O resultado dessa dedicação está na exposição individual que será aberta hoje, às 19h30m, na Almacén Galeria, na Barra da Tijuca. Na ocasião, também será lançado o livro “Minas Gerais, Brasil”, que reúne sua produção de 2006 a 2010.

— Agora, meu pensamento ficou contínuo e foi possível uma fluidez maior do trabalho. Antes, tentava concretizar as ideias nos poucos meses em que ficava no Brasil, mas aí já tinha que viajar de novo. Minha produção ficou fragmentada. Não aguento mais cheiro de *free*



Divulgação

shop! — brinca Velloso.

A exposição na Almacén apresenta trabalhos recentes, como um díptico feito com tinta acrílica sobre madeira de demolição.

— Gosto de usar a madeira de demolição por ser um material essencialmente mineiro, pois tenho uma preocupação em realizar um trabalho que se identifique com uma região es-

pecífica — explica Velloso. — Além disso, esses pedaços de madeira sempre vêm com restos de tinta das portas e janelas das casas de fazendas de onde foram tirados, o que me permite começar a trabalhar a partir das cores que já estão ali.

Arquiteto de formação — um “passado negro” que carregava, diz brincando — Velloso

sempre se considerou pintor. Mas com o passar dos anos, conta que teve vontade de explorar outros suportes e materiais. Desse desejo surgiu uma nova série, em chapinhas de aço e tinta automotiva, em que o artista se impõe o desafio maior de conferir vida, sentido, equilíbrio e beleza a peças monocromáticas brancas.

— A exposição parece, à primeira vista, uma coletiva, por ter tantos trabalhos diferentes. Mas quando se presta atenção, fica claro que são todos filhos do mesmo pai — diz.

Responsável pelos cenários de espetáculos como “21”, “Benguelê”, “Parabelo” e “Nazareth”, Velloso atribui aos anos em que ficou no Corpo a liberdade maior

com que passou a usar diferentes materiais em suas obras. O chitão característico de “21”, por exemplo, foi incorporado em seus trabalhos mais tarde.

— Assim como o Corpo, eu também tenho essa identidade brasileira bem forte nas minhas obras, mas sem ser óbvio. É o regional tratado de forma contemporânea. ■

O DÍPTICO

que faz parte da nova fase do artista: maior concentração no trabalho pessoal depois que se desligou do Corpo, do qual era cenógrafo e coordenador de programação

Parabéns, THALITA REBOUÇAS!

1.000.000 de livros vendidos

A Editora Rocco se orgulha de fazer parte desta história com você!

## José Miguel Wisnik fala de poesia

• O músico e ensaísta José Miguel Wisnik encerra hoje o ciclo de palestras “Forma e sentido”, no Oi Futuro Flamengo (3131-3060), às 19h30m. Organizada pelo poeta e filósofo Antonio Cicero, a série trata do lugar da poesia no mundo contemporâneo. A entrada é franca, e as reservas devem ser feitas pelo e-mail [reserva@formaesentido.com.br](mailto:reserva@formaesentido.com.br).

## Temporada prorrogada

• Dirigidas por Bianca Byington e Leonardo Netto, as peças “Cozinha e dependências” e “Um dia como os outros”, dos franceses Agnès Jaoui e Jean-Pierre Bacri, tiveram suas temporadas prorrogadas. Ambas ficam no Teatro Poesia (2537-8053), de sexta-feira a domingo, até o dia 31 de julho.

## Fotografia na tela

• Começa hoje no Centro Cultural Correios (2253-1580) a mostra “Fotocine — A fotografia no cinema”. Com curadoria de Andreas Valentim, o evento, que vai até 3 de julho, reúne mais de 40 longas em que a fotografia é a protagonista. Hoje, às 18h30m, há debate com Walter Carvalho, Marcos Bonisson e Pedro Vasquez.